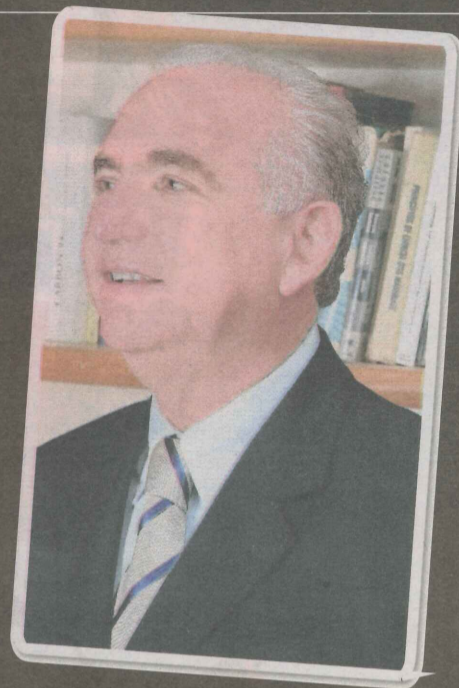


ENTREVISTA

Paschoal Rossetti

“Demoraremos mais outra década para retornarmos à normalidade”



Economista prevê momentos difíceis para os países mais desenvolvidos e critica a economia brasileira, cujo governo tem uma “baixíssima propensão a investir e uma altíssima propensão a tributar”

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

A entrevista deste domingo é com José Paschoal Rossetti, um dos importantes economistas do Brasil. Além de ser conselheiro de diversas grandes empresas para análise de cenários, planejamento estratégico e estruturação de sistemas de governança corporativa, atua como professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral. Neste bate papo com A GAZETA, Rossetti explica o que acontece com a economia mundial, afirma que a crise não é tão intensa assim, analisa a situação brasileira neste contexto e dá os motivos para nunca ter aceitado ocupar um cargo público, apesar dos inúmeros convites. “Não me sinto bem convivendo com uma série de comportamentos que são completamente opostos aos meus valores pessoais. Eu não tolero coisas como desvio de conduta e corrupção”.

Europa mal, Estados Unidos com recuperação lenta e China desacelerando. O que acontece com a economia mundial?

Estamos vivendo um momento de mudanças de grande impacto no sistema econômico mundial como um todo, mudanças iniciadas no começo dos anos 90. Após 20 anos, vivemos as dores desta ruptura. Até os anos 90, tínhamos dois mundos divididos por uma cortina de ferro e por dois sistemas econômicos antagônicos, o socialismo de Estado e o capitalismo ocidental. Com o fim do socialismo, abertura da cortina e o fim da União Soviética, uma mudança profunda aconteceu no sentido de maior abertura das economias antes

coletivistas e socialistas às economias ocidentais. Esse processo acabou dando uma oportunidade extraordinária para economias emergentes – com baixos custos estruturais de produção, operando num sistema econômico mundial mais aberto – de acessar os mercados de países desenvolvidos. Na última década do século XX, notaram-se mudanças grandes nas taxas de crescimento dos países emergentes e dos avançados. Mas na medida em que esse processo de abertura se consolidou, passamos a observar uma diferença acentuada entre as taxas de crescimento das economias avançadas e das emergentes. Enquanto, na primeira década deste século, os desenvolvidos cresceram numa taxa não muito distante de 2% ao ano, as emergentes cresceram, na média, numa taxa de 6% ao ano. O Produto Mundial Bruto cresceu numa média de 3,5% ao ano na década passada, algo sem precedentes na história, por conta dos emergentes. Essa disparidade veio debilitando pouco a pouco as economias avançadas, que acabaram se vendo incapacitadas de competirem num mundo comercialmente aberto com economias de baixo custo estrutural. Enfim, uma baita mudança ocorreu na economia mundial.

Mas os problemas não eram apenas na macroeconomia.

Além disso, já era notada a quase que exaustão da expansão imoderada de consumo financiado, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, na Europa especialmente os latinos. O que se observava era o excesso de crédito para consumidores no mercado subprime (de maior risco). Isso, combinado com o desaquecimento des-

“

No Brasil, a alta carga tributária é toda consumida pelo custeio. O governo tem uma baixíssima propensão a investir e uma altíssima propensão a tributar. Isso torna anêmico o crescimento brasileiro frente aos demais emergentes”

tas economias e com a elevação das taxas de desemprego, só poderia acabar na iliquidez (falta de dinheiro para pagar as dívidas) dos financiados, atingindo em cheio o sistema financeiro.

Até quando ficaremos nesta crise?

É difícil estabelecer a duração deste período, até porque parte do sistema privado foi socorrido pelos bancos centrais e pelos tesouros nacionais. Isso significou um esforço fiscal sem precedentes históricos. Agora, esse esforço fiscal elevou o nível de dívida pública dos países avançados e de déficit orçamentário. A reconstituição das finanças públicas destes países passa pelo corte de gastos e pelo aumento de tributos, movimentos difíceis principalmente num momento de recessão. Creio que demoraremos pelo menos mais outra década para retornarmos à normalidade. Não serão dias fáceis para os desenvolvidos.

Qual avaliação que o senhor faz das medidas anticrise tomadas lá fora até agora?

Se de um lado atenuaram os efeitos da crise, de outro complicaram a posição do setor público nestas economias. Quer dizer, agora estamos pagando a conta de um ajuste que foi necessário ser feito, mas que provocou uma série de desequilíbrios que agora precisam ser curados.

Remédio amargo, mas necessário.

Se não tomasse, teria sido pior, bem pior. Estaríamos vivendo um processo recessivo agudo de consequências não imagináveis.

Entre Europa, China e EUA, quem preocupa mais?

Eu não ficaria muito assustado com a redução da taxa de crescimento chinês. O PIB da China cresceu nos últimos 20 anos numa taxa próxima a 10% ao ano. Um crescimento violento, em 15 anos seu produto nacional é triplicado. Isso não se mantém assim indefinidamente. Hoje, se a China crescer numa taxa de 7% e 8% ao ano, é bem maior esse crescimento em termos nominais e seus efeitos reais sobre o sistema mundial do que uma taxa de 10% há 15 anos atrás. É natural que a taxa diminua, porém, isso não significa que haverá uma redução do crescimento do produto em termos absolutos.

Então o problema está em EUA e Europa?

Olha, diria que passamos até por uma crise leve. Veja que o produto mundial bruto este ano deve crescer perto dos 3%. Isso significa um crescimento superior a US\$ 2 trilhões. É um Brasil por ano! Nunca tivemos um crescimento desta magnitude na história econômica mundial. Em seis anos, temos um Estados Unidos a mais. Crise mesmo, dolorosa, estaríamos vivendo se a variação do PIB mundial estivesse negativa, não é o que está acontecendo. Agora, numa situação em que a Europa de fato não vai bem e os EUA recupera-se com certa lentidão, uma notícia que seria natural, da China crescendo menos, tem um impacto de preocupação fora do normal.

E o Brasil neste contexto? O PIB de 2011 (2,7%) já não foi essas coisas e o de 2012 deve ir pelo mesmo caminho.

Aí o tom muda um pouco. O Brasil tem fatores de ativação do crescimento: somos um emergente de boa expressão, temos uma dinâmica sociodemográfica bastante semelhante à média mundial com bônus demográfico, avanço tecnológico, descartabilidade de produtos, expansão do número de empresas, um grande movimento de fusões e aquisições no sistema corporativo, abundância e diversidade de capital natural, belíssimo potencial para a produção de energia em todas as suas modalidades e uma economia bastante diversificada em produção. O nó da questão é que o Brasil, diferentemente de outros emergentes, tem uma taxa de investimento muito baixa. Enquanto nos últimos 20 anos os 25 maiores países emergentes investiram cerca de 27% de seus PNBs (Produto Nacional Bruto), o Brasil ficou perto dos 18%. O Brasil é o país, entre os 50 maiores do mundo, desenvolvidos e emergentes, de mais baixa taxa de investimento. Isso é devido a uma carga tributária que é a maior entre os emergentes, combinada com um gasto de custeio do governo que a consome por inteiro. O governo tem uma baixíssima propensão a investir e uma altíssima propensão a tributar. Isso torna anêmico o crescimento brasileiro frente aos demais emergentes. Tenta-se compensar isso com alguns movimentos que dão à economia um falso brilho de curto prazo.

O senhor se refere aos vários incentivos que o governo tem dado ao consumo?

Para conquistar uma demanda agregada constituída mais por despesas de consumo do que por investimentos, o que está sendo feito no Brasil? Uma ampla distribuição de recursos de transferências governamentais para populações de baixa renda. A pobreza absoluta no Brasil diminuiu de



FOTOS DIVULGAÇÃO

Paschoal Rossetti afirma que o país está travado, sem fazer as reformas

31% da população, em 2000, para 15%, em 2010. Houve uma boa desconcentração da renda. O rendimento médio do pessoal ocupado cresceu de R\$ 1.345, em 2000, para R\$ 1.670, em 2010. Porém, nada, absolutamente nada, cresceu tanto quanto as operações de crédito para a pessoa física. Em 2000, elas totalizaram R\$ 66,4 bilhões, no primeiro quadrimestre deste ano, foram R\$ 610,6 bilhões. Nenhum outro segmento da economia teve uma expansão tão alta. O total da inadimplência das pessoas físicas no Brasil supera os R\$ 70 bilhões, mais que o total concedido há 12 anos. O que quero dizer com isso? Os avanços sociais são notáveis, porém, da forma como estão sendo conduzidos, como fatores de sustentação do crescimento, eles são insuficientes e perigosos. Não se sustentam no longo prazo, é o tal voo de galinha. Estamos sentindo no Brasil um falso e perigoso brilho que começa a mostrar a sua exaustão.

O governo é míope, não enxerga o longo prazo?

Eu evito usar esses termos. Há um conjunto de fatores que vêm do passado. Não é um governo que vai acertar um país que andou na contramão do que deveria andar por mais de 25 anos. Nós temos pontos fortes, mas temos um conjunto muito mais relevante de pontos fracos. Não diria que o Brasil tem miopia, o que o Brasil não tem é um projeto estratégico, abrangente e de alta qualidade. E o pior que temos no Brasil é a inapetência dos três poderes da República para fazer reformas estruturais. Tributária, política, previdenciária, judiciária, trabalhista, estamos empurrando isso com a barriga. É um país travado. Houve um início de processo de destravamento no começo dos anos 90, pelo menos até 2002, mas que foi interrompido daí para frente. Enquanto tocarmos o país na base de pacotinhos epidérmicos, seremos um anêmico entre os grandes emergentes. Eu diria que não é miopia, mas falta de vontade política misturada com um composto ideológico não muito adequado aos tempos modernos.

Rossetti é conselheiro de algumas grandes empresas

« José Paschoal Rossetti é professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral. Consultor de grandes empresas, para análise de cenários para planejamento estratégico e estruturação de sistemas de governança corporativa. É conselheiro independente de Fleury Medicina e Saúde, Boticário, Orteng, Tangará Foods, Raia-Drogasil, Grupo Santa Cruz e Bematech. É autor de diversas obras, dentre elas: Introdução à Economia; Contabilidade Social; Economia de Mercado; Fundamentos; Falácias e Valores; e Transição 2000: Tendências, Mudanças e Estratégias. Seu mais recente livro é Governança Corporativa: Fundamentos, Desenvolvimento e Tendências.

Como deve se comportar o pequeno investidor num momento conturbado como esse?

Tanto o grande como o pequeno deve buscar um porto seguro. Evitaria a renda variável, iria para a renda fixa e escolheria muito bem as instituições na hora de aplicar o meu dinheiro. Bancos grandes com baixo risco. Momento é de cautela.

E quem já está na renda variável, o que fazer?

Olha, dependendo do tempo em que está nela, a recomendação é realizar prejuízos. Se tem um horizonte de tempo mais longo para o resgate, a recomendação é esperar. Esse processo de crise seguramente não vai aprofundar, aprofundar e aprofundar, ao meu ver, temos um conjunto de atenuantes para a crise atual. Calma e cautela são as expressões básicas, não é momento para desespero.

O senhor destacou-se profissionalmente pelos serviços prestados à iniciativa privada. Apesar dos vários convites, nunca ocupou um cargo público. Por quê?

Eu não tenho muito jeito para lidar com questões políticas e com políticos. Com raríssimas exceções, não é uma classe que eu admiro profundamente, pelo contrário. Não me sinto bem convivendo com uma série de comportamentos que são completamente opostos aos meus valores pessoais. Eu não tolero coisas como desvio de conduta, corrupção, tenho uma profunda intolerância com coisas desta natureza. Conviver num ambiente onde essas práticas são quase que uma rotina certamente não me faria bem. Preferi atender ao setor privado, fazendo análises do país, ajudando a formular estratégias, essa foi a minha carreira.

Mesmo estando em contato direto com os grandes centros, o senhor optou por morar no interior de São Paulo, em Penápolis. Por quê?

Vivo aqui com meus três filhos e netos. Prefiro a vida mais tranquila e calma do interior à vida agitada dos grandes centros. Aqui eu reflito, produzo meus materiais, tenho um templo ampliado, mais tranquilidade e estou em contato com os grandes centros, permaneço muito pouco em Penápolis.